

## ***Locus amoenus* ou lugar de perdição: um estudo dos contos de Milton Hatoum em “A cidade ilhada”**

Profa. Dra. Antonia Herrera<sup>1</sup> - UFBA

### **Resumo:**

*Considerando os espaços onde se situam as narrativas e o tempo da memória que os movimenta, pretende-se estudar, nos contos que compõem o livro A cidade Ilhada (2009), de Milton Hatoum, o trânsito das narrativas em espaços díspares: Manaus e Europa. A cidade ilhada na memória e no tempo estabelece um elo entre narrativa/narrador/autor, trazendo para a superfície da escrita questões locais e existenciais, conflitos e valores. A cidade abandonada, a cidade adquirida e a cidade perdida se entrecruzam em contos notáveis que constroem uma ficção e uma autoficção, proporcionando ao leitor cenas cinematográficas que projetam imagens de espaços amenos e afetivos, míticos e também agressivos. O autor é vinculado ao projeto coletivo de pesquisa O Escritor e seus múltiplos: migrações, sendo, pois, considerados os entrecruzamentos discursivos e autobiográficos que perpassam as narrativas e constituem o múltiplo perfil de Milton Hatoum: escritor, professor acadêmico, teórico, ensaísta e crítico literário.*

**Palavras-chave:** o escritor e seus múltiplos, Milton Hatoum, contos, crítica biográfica, memória.

### **1. Introdução**

O projeto coletivo **O escritor e seus múltiplos**, do grupo de teoria da literatura do ILUFBA, tem por base estudar o perfil do escritor criativo, de grande insumo na contemporaneidade, que é também teórico-crítico e docente de ensino superior, e, no caso de Milton Hatoum, aposentado. Esse quadro configura uma realidade um tanto peculiar, na qual se verifica uma proliferação de textos ficcionais que dialogam com esses lugares ocupados pelo mesmo sujeito, ou seja, pelo intelectual afeito ao labor de criar, de teorizar e de analisar esse tipo de objeto. A inserção do escritor criativo no plano cultural de uma comunidade, seu modo de pensar e ver o texto literário e a delimitação de seus interlocutores traçam parâmetros das linhas de força que se dinamizam em sua produção.

O escritor criativo, cujo perfil estudamos, insere-se, assim, na cena cultural de modo múltiplo, trazendo para a tessitura de sua escrita esse entrecruzamento. Na escrita literária recolhe sua postura ético-estética entrelaçando os fios de sua múltipla inserção. Hatoum afirma não gostar de literatura sem fundo autobiográfico, literatura distante da vida do autor e considera, por exemplo, o romance *Relato de um certo Oriente* como autobiográfico. Também seus contos trazem rastros de dados vividos pelo escritor.

Biograficamente, há um movimento de sair de Manaus adolescente para estudar em Brasília, São Paulo e em Paris e retornar por um período de 15 anos para lecionar na Universidade Federal da Amazônia e posteriormente voltar para São Paulo para pós-graduação e estabelecer lá sua residência.

A infância perdida, a cidade abandonada e não mais recuperada no vigor do que foi na infância, a identidade atravessada, o contorno político do país, as perdas, suas raízes e sua formação intelectual faz de Hatoum um escritor que sente os dramas familiares e pessoais assim como o drama histórico e da cidade a pedirem uma escrita, dando sua parcela de contribuição na construção

---

<sup>1</sup>Antonia HERRERA, Profa. Dra.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
aherrera@ufba.br

de uma identidade literária e cultural para o país. A voz e a escrita irão se entrelaçar na narrativa rica tanto de seiva de uma sólida formação cultural estrangeira e nacional quanto da herança pessoal, familiar, do velho contador de histórias, seu avô, da cultura local e dos restos do Oriente. Sem a pretensão de ser um articulador político ou cultural, Hatoum dá uma contribuição para pensarmos o nosso país, nossa identidade, nossa língua. Insere-se no cenário cultural como escritor, docente, intelectual, colunista do *Estadão* e do *Terra Magazine*. Dissemina signos, amplia nossa visão do país.

A literatura de Hatoum tem como conjunto de agentes, espaço e tempo, um território híbrido, exótico e rico de referências culturais diversas: a cidade de Manaus, ecos da floresta amazônica, o rio, e o nomadismo do narrador principal que se desloca para grandes metrópoles da Europa e do Brasil, mas leva consigo a cidade natal. O escritor insere-se na cena cultural com sua escrita, trazendo os valores recalcados, pensando criticamente seu *locus* e seu *status*, representados simbolicamente nas esferas culturais, nas quais se movimentam as personagens.

O movimento de ir e vir de uma cidade a outra são individualizados e ressignificados no plano ficcional. O ato mais individual e simples, na escrita literária, ganha um significado suplementar e torna-se significativo no plano simbólico. Todas as sobredeterminações na ficção estabelecem um circuito individual/social/individual. Aciona subjetividades, do autor, dos personagens, do narrador e, na recepção, do leitor. A memória alia-se ao influxo criativo na tessitura das narrativas.

## **2. Trânsitos e memória**

Escolhemos para estudo o livro de contos de Hatoum por considerarmos exemplares de tópicos de sua escrita e ainda porque dentre as narrativas literárias é a forma que causa um impacto ímpar. Para tanto, faço uma reflexão sobre a leitura de um poema, de um romance e de um conto.

A leitura de um poema nos enleva, aprendemos pelo encanto mágico das palavras, da musicalidade, da riqueza de imagens que nos envolve; a leitura de um romance nos deleita com o curso da narrativa, com o movimento das personagens, a dinâmica da vida roubada na frase. Os pensamentos, as reflexões, as possibilidades, as tramas e os dramas humanos sempre os mesmos e renovados habilitam o universo ficcional a cruzar suas linhas com o vivido. A leitura de um conto fica na zona do indizível; é um corte de navalha. Não há fios, não há imagens de palavras e ao mesmo tempo há tudo isso. Um conto é um corte no tempo e no espaço. Nem deleita nem encanta; rumina uma ancestralidade, irrita e fascina, ensimesma; é uma vertigem, seja irônico, cômico, trágico, sarcástico: é uma lâmina, o abismo da condição humana. Um bom conto incomoda: mesmo com um desfecho trágico não é catártico; é um hiato, uma pausa, um fim que não finaliza. E são variações de um mesmo tema.

O livro *A cidade ilhada*, de Milton Hatoum, é composto de quatorze contos que narram experiências, que se movimentam em um espaço-tempo ficcional com lastro de experiência vivida e que tem ambientação em cidades diversas, sendo Manaus o ponto de partida e de chegada, lugar exótico, no qual a natureza se faz presente na pujança do reino vegetal e o reino das águas, o que proporciona um imaginário paradisíaco.

As imagens de Manaus, da Floresta e do Rio Negro estão como tópicos paradoxais do *locus amoenus* e do “inferno verde”. As narrativas dos cronistas já dão conta da complexidade subjacente às duas possibilidades de representação do Brasil recém- descoberto: como domínio de Deus – como Paraíso – ou do Diabo – como Inferno. Hoje, o lugar ideal para essa representação é a Amazônia.

O sujeito que se desloca de um lugar tão rico de signos, e que os faz reverberar em sua escrita, arrasta consigo as mazelas de uma perda e a riqueza de um tesouro de experiência e de sensações. Dentre as mazelas, situam-se a nostalgia e algum remorso, um rastro de romantismo. Dentre os ganhos, a possibilidade de ver de fora o local e ainda uma herança híbrida que veio

matizar a cor local. Se Manaus pulsa de riqueza natural, exotismo e primitivismo, o filão familiar de imigrantes libaneses, de um Oriente distante, acende no imaginário signos ancestrais e marcas culturais, entre as quais a valorização da escrita. Desse entrecruzamento, nasce a peculiaridade da literatura de Hatoum, permeada de valores díspares da oralidade e da sacralização da escrita. Suas narrativas projetam imagens de espaços-tempos amenos, afetivos, mágicos, míticos e também infernais, agressivos à sobrevivência humana. Esses opostos: Paraíso Terrestre e Inferno, no mundo da natureza; virtude e pecado, no mundo dos homens, estão numa relação constante e contraditória e nunca estiveram isolados um do outro.

Dez contos são narrados em primeira pessoa; quatro contos são narrados em terceira pessoa. Dos dez narrados em primeira pessoa, quatro são reminiscências da infância / juventude e, em três deles, há a presença migratória de um personagem: o tio Ran, apenas nomeado tio no conto *Dois tempos*, apresentando os mesmos traços presentes nos outros contos e nos romances. A figura do tio solteiro que desloca a figura paterna e assume o papel mais ameno de instrutor da vida, principalmente na área mais atraente, a dos prazeres, é um importante tópico de análise, pois está presente também nos romances. O tio bom *vivant* é cúmplice das aventuras do jovem que protagoniza algumas histórias que podem ser classificadas de autoficção. “Varandas da Eva”, “Uma estrangeira da nossa rua” e “Dois tempos” são contos de reminiscência amorosa que envolve a cultura local, a iniciação sexual, o primeiro amor e a descoberta tardiamente do amor secreto do tio, a professora de piano do menino órfão (“Dois tempos”). O movimento de partir e retornar do protagonista, que é um dado biográfico do escritor, serve de *leitmotiv* para contar-se uma lembrança que ocorre quando do retorno. Os sintagmas indicativos do tempo são o ponto de partida para a narrativa. Aliás, os dois tempos, que intitula um conto, servem de metáfora para o tipo de narrativa que apontamos. A narrativa une dois tempos: do passado, onde se deram os acontecimentos narrados, e o tempo da inserção da escrita, o tempo do narrador e da reminiscência.

Vejamos os exemplos:

Varandas da Eva: o nome do lugar.

Não era longe do porto, mas naquela época a noção de distância era outra. O tempo era mais longo, demorado. (p. 7)<sup>2</sup>

.....  
Permaneci ali mais um pouco, relembrando...

Nunca mais voltei àquele lugar.” (p. 14)

No caminho do aeroporto para casa, eu observava os lugares da cidade agora irreconhecível. Quase toda a floresta em torno da área urbana havia degenerado em aglomerações de barracos ou edifícios horrorosos” (p. 15).

O conto “A natureza ri da cultura”, embrião do romance *Relato de um certo Oriente*, é também narrado em primeira pessoa, por uma narradora, artifício que não encobre o lastro autobiográfico presente na narrativa. O entrecruzamento de culturas: nativa e europeia dão a dimensão dos microtemas de Hatoum. Os dois amigos estrangeiros de Emilie, avó da narradora, tal qual no romance, inclusive com o mesmo nome, proporcionam-lhe em sua juventude um aprendizado diversificado: além da língua francesa, a realidade linguística do Amazonas, as línguas indígenas. Servem de preceptor, principalmente Delatour. Émilie define-os: “Verne viaja no espaço, e Delatour, no tempo” (p.99). Um, Verne, viajante, que morou em três continentes diversos antes de chegar a Manaus, era estudioso de línguas indígenas e defensor da cultura deles; o outro, Delatour, migrou da Bretanha para Manaus, tinha paixão por mapas e era um erudito, estudioso da literatura francesa. Ao ser interrogado pela narradora: “por que tinha vindo ao Amazonas? Por que morar em

---

<sup>2</sup> HATOUM, Milton. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Daqui em diante, as citações, sempre extraídas dessa edição, terão apenas a indicação do número da página.

Manaus, esta cidade ilhada, talvez perdida?”, ele responde que quando criança um viajante bretão que andou pela Amazônia lhe deu de presente um mapa-mundi da região. “E os mapas, como tu sabes, fascinam as crianças, são desenhos misteriosos que as convidam a fazer viagens imaginárias” (p.98). Viveu em Manaus até o dia que subiu o Rio Negro até a fronteira com a Colômbia. Quando a narradora retorna a Manaus, dez anos depois, não mais o encontra. Sua última lição foi a frase escrita na parede da casa, que intitula o conto. O homem de ciência reconheceu os mistérios e grandezas da natureza. Reproduzo um trecho em que ele, da varanda de sua casa, mostra para a narradora:

À primeira vista, a floresta parece uma linha escura além do rio Negro, disse ele. Não se consegue distinguir muita coisa. Mas no interior de tanta escuridão há um mundo em movimento, milhões de seres vivos, expostos à luz e à sombra. A natureza é o que há de mais misterioso. Delatour citou como exemplo o mapa da Amazônia que o encantara na infância. Para ele, a floresta era um mundo quase inverossímil, e por isso mesmo fascinante. (p.99)

O mapa como representação de um espaço é similar à descrição literária que encanta e fascina. Remontam ao início da literatura ocidental os tópicos de descrição de paisagens, denominados *locus amoenus*, lugar ameno, motivo principal de toda descrição da natureza, principalmente ligado ao encantamento sensorial e espiritual do homem, que se integra na perfeição em tal plenitude ante uma fauna e uma flora exóticas. Com sentido de lugar aprazível, amável, o conceito é oriundo da configuração geológica, lugar de paisagem ideal, de paraíso terrestre, muito presente na literatura desde os primórdios.

Os quatro contos em terceira pessoa, de narrador onisciente, quais sejam: “Dois poetas da província”, “Bárbara no inverno”, “A ninfa do teatro Amazonas”, “Dançarinos na última noite”, são episódicos e, com exceção de “Bárbara no inverno”, passam-se em Manaus e têm forte cor local. O encontro e o diálogo do poeta de poemas nunca éditos que sonha com Paris e sedentariamente não se desloca de Manaus, imaginando a grande metrópole, mediante sua literatura e representação de seus espaços pelos mapas, figurado no professor pobre, com o poeta que irá se deslocar para Paris – o aluno, que recebeu do antigo professor a paixão pela língua, pelos poetas e pela cidade francesa – dinamiza o conto “Dois poetas da província”. Com nostalgia e ironia, a começar pelo título, o narrador registra tipos locais e espaços contrastantes: a província, Manaus e a grande cidade, Paris. A diferença espacial corresponde também a uma diferença temporal. O professor vive pobremente e acha aviltante toda a política e cultura local, projetando seu desejo para alhures, lugar ideal e inalcançável que ele dá como conhecido. Sua capacidade imaginativa o faz reproduzir todas as experiências e locais imperdíveis em Paris, aquelas que ele apenas sonhou em sua casa miserável. Paris é o paraíso, Manaus, o inferno. O velho professor fica, o aluno parte para realizar o que o outro sonhou. O movimento de partir, o nomadismo está presente mais uma vez biograficamente na ficção de Hatoum.

Em “A ninfa do teatro Amazonas” cruzam-se espaço e tempo, miséria e esplendor que geram uma narrativa insólita que, apesar da ironia, não deixa de imprimir força dramática e lírica à narrativa. O local anacrônico: o famoso teatro Amazonas de Manaus, rico pela arquitetura e luxo faz contraste com a cidade e a miséria de muitos habitantes. Fugindo da chuva e buscando um lugar para poder parir, uma pobre mulher invade o teatro e é vista pelo vigia que sobrepõe aquela visão à imagem da ninfa da pintura da cortina e provavelmente a confunde com a grande diva com a qual ele sonha diariamente por longos anos. Cria-se a lenda, num clima lírico e dramático, que desperta no leitor os possíveis casos que habitam as paredes do portentoso teatro. Lugar de sonho, luxo e glamour contrasta com o velho doente que por ele zela e a moradora de rua que nele se abriga para parir. A visão da mulher com o filho no colo confunde a mente do velho zelador, faz renascer sua devoção a ponto de ser levado de lá para um hospício. Ficam com o leitor todas as conclusões e

inferências. Não há juízo de valor no conto; o narrador se omite de dar opiniões, deixa escapar sua percepção subjetiva pelo recurso da ironia e intermediação de um jornalista que entrevista o velho no hospício. Deixa vestígios de que há, por trás do drama, uma grande paixão do velho, antigo pescador, por uma pianista amazonense de sua infância que morreu afogada ou pela cantora estrangeira “a divina soprano milanesa” de sua adolescência. A foto encontrada em seu bolso enigmaticamente não deixa perceber as feições da mulher que segura a mão de um menino. É interessante notar que a memória guardada em uma foto também é precária, tema recorrente na ficção de Hatoum. Nem a ciência nem a informação jornalística dão conta dos inúmeros emaranhados que habitam o coração de um homem. A arte literária sim, pois descreve com primor os momentos visionários do protagonista. E o narrador ironiza as conclusões a que elas chegam. Sonho, paixão, loucura, teatro e vida criam um ambiente singular que dinamiza o imaginário do leitor.

“Dançarinos na última noite” tem o movimento de uma música e narra uma história feliz e hedonista. Os protagonistas atravessam uma vida de dificuldades e pobreza e optam por viver um momento intenso, de beleza e poesia, num ato único de esplendor, usando o dinheiro, ganho pela sorte, e que poderia estabilizar as suas vidas para, como um príncipe e uma cinderela, terem uma noite de gala, dançando em um baile de ricos e hospedando-se em uma suíte de luxo no hotel de selva onde trabalham. O chamado da arte, arte de dançar, torna-se mais forte que a segurança de cada dia. O instante que os consagra como dançarinos e a experiência única do conforto e da beleza tornam-se emblemáticos do desejo realizado, do paraíso vivido que, embora efêmero, durará para sempre na lembrança:

Discutiram. Miralvo ainda argumentou: uma espingarda para caçar, uma canoa, um motorzinho de popa chinês.

E depois, amor? Tudo isso acaba: a arma, a canoa, o motorzinho. O prazer dura uma noite, mas a lembrança é para sempre. (p. 118)

“Bárbara no inverno” narra conflitos de relacionamentos, a situação de exílio em função da ditadura militar no Brasil e o trágico fim de suicídio vingativo da protagonista. É um conto marcado pela problemática da esquerda no regime militar, seu universo cultural e social e as complexas relações pessoais. De Paris ao Rio de Janeiro, o inferno vivenciado por Bárbara, que afeta sua sanidade mental, tem vínculo com a cidade, o deslocamento e sua não inserção social no universo do seu companheiro que é pressionado a abandoná-la.

### **3. A cidade ilhada: entrecruzamentos**

Manaus é o epicentro de quase todas as narrativas, seja como ambientação, seja como referência: “Mas, para onde vou, Manaus me persegue...” (p.26), diz o narrador de “Uma carta de Bancroft”. Há também o movimento contrário: dos europeus que abandonam a Europa para morar ou se divertirem em Manaus, atraídos pela floresta, como representados nos contos: “A casa ilhada”, “A natureza ri da cultura” e ainda proveniente de outro continente, “Um oriental na vastidão”. São também contos de experiências diversas, de viagens, que apontam para dados biográficos do autor. Manaus é o contraponto, o ponto de partida ou de chegada, o espectro, a conjunção, o simulacro de todas as cidades. A ferida aberta que não cicatriza nem deixa de significar miséria e esplendor, inferno e paraíso, signo que possibilita um incessante deslocamento metonímico que prolifera em mais e mais narrativas.

Os outros seis contos, “Uma carta de Bancroft”, “Um oriental na vastidão”, “O adeus do comandante”, “Manaus”, “Bonbaim”, “Palo Alto”, “A casa ilhada” e “Encontros na península”, narrados em primeira pessoa, são relatos de experiência, casos locais e construção fictícia representativa da contemporaneidade. Em três deles, “Um oriental na vastidão”, “O adeus do comandante” e “A casa ilhada”, o narrador-testemunha, totalmente isento, conta o que viu em sua

participação indireta dos casos. Há casos de assassinatos, envolvendo paixão, honra e traição em três contos. O feminino como vítima e algoz está no centro dos dramas. O clima de mistério e enigma está presente nos seis contos.

“Uma carta de Bancroft” faz a ponte entre a cidade de São Francisco na Califórnia, mais precisamente a Universidade de Berkeley e a cidade de Manaus. O encontro com um chinês, sino-americano, que vive lá e as considerações sobre *Chinatown* e sobre os chineses na América serve como motivo com base na máxima chinesa: “para os meus antepassados a realidade não tinha a menor obrigação de ser interessante” para o narrador introduzir o relato, um tanto fantástico, que tem início na Biblioteca de Bancroft. Ao se deparar com o livro *Brasil: limites e fronteiras*, inicia em clima onírico e de jogo a tecer uma história com a vida e a obra de Euclides e seu assassinato enredado em um sonho que teria sido por ele contado em uma carta e deixado dentro do livro. Manaus volta ao centro da narrativa por conta dos escritos de Euclides da Cunha. Trata-se de um conto-homenagem, e de jogar ludicamente com o motivo de manuscritos perdidos em livros. Tece considerações sobre a realidade, sobre a cidade e seus habitantes para introduzir a narrativa da carta de Euclides para um amigo.

“Um oriental na vastidão” é um caso de amor de um japonês com a floresta amazônica, mais precisamente com o Rio Negro. Pesquisadores estrangeiros vão ao lugar exótico estudar a fauna e a flora ou até mesmo as águas. O elemento exótico vinculado ao Japão e à floresta amazônica e seus rios dão o tom de mistério e lirismo ao conto. O *locus amoenus* representado pela beleza do rio é escolhido para receber as cinzas do grande cientista japonês (biólogo de água doce e professor aposentado da Universidade de Tóquio) que, por intermédio da Embaixada japonesa e do vínculo estabelecido no passado com a narradora, tem seu desejo efetuado. Esse desejo já estava expresso de modo cifrado no presente ofertado pelo cientista à pesquisadora da Universidade, que lhe acompanhou no passado em breve visita a Manaus ou mais propriamente ao Rio Negro, cujo ideograma dizia: “No lugar desconhecido habita o desejo” (p. 30), para realizar o antigo desejo de conhecer o Rio Negro, lugar de sonho, mas também de vasto conhecimento do protagonista, Kurokawa, que deu a perceber à sua cicerone que “aquele passeio era uma viagem de reconhecimento [...] E explicou, usando termos científicos, por que as águas do Negro eram escuras como a noite. Passou o resto da viagem calado, observando a floresta, os lagos e o rio.” (p. 32)

Aqui mais uma vez o contraste entre ciência e arte, na direção da beleza e do elemento idílico que alimenta o desejo do japonês de ter suas cinzas espalhadas em um remanso do rio. Alguém que já percorreria rios da África portuguesa e das Filipinas e elege a Amazonas como seu berço de morte toma o rio Negro não como objeto de estudo, mas como lugar de contemplação “o olhar extasiado nas margens do Negro e do Amazonas” (p. 32) e de descanso final. Chegando ao lugar indicado para o ritual fúnebre, a narradora descreve a paisagem amena, esplêndida de beleza, de paz e repouso, longe da miséria humana:

O sol começava a declinar, as margens se estreitavam, e já não se viam palafitas nem canoas. Nenhum sinal humano. Um bando de periquitos encheu o fim da tarde com ruídos estridentes. Logo depois, o céu silenciou. E o silêncio subtraiu a noção do tempo. Quando entramos num outro rio ainda mais estreito, o comandante apontou o mapa: Paraná da Paz (p. 34)

“A casa ilhada” é o conto-emblema que tem título similar ao do livro e que apresenta uma metáfora do narrador/autor/sujeito da escrita de Hatoum. O peixe tralhoto que tem o olhar dividido, aquele que olha para fora e para dentro. O viajante, substrato dos personagens, no seu vai e vem, tem o olhar voltado para o seu dentro – Manaus – e para o seu fora – todas as andanças e lugares que o configuram. É simbólico também do artista, do qual a maioria dos protagonistas é *alter ego*, olhar para dentro de si, suas águas profundas, e para o fora, o mundo que lhe rodeia e lhe concerne: “Então eu soube que o tralhoto, com seus olhos divididos, vê ao mesmo tempo o nosso mundo e o

outro: o aquático e o submerso. Curioso, eu disse. Ver o exterior já não é tão fácil, imagine ver os dois.” (p.70)

O protagonista é um cientista suíço que pesquisa sobre peixes e que volta a Manaus, lugar onde viveu uma aventura, com sua mulher, plena de água, floresta e festas urbanas (a dupla face do Amazonas), ocasião também em que a perdeu para um dançarino local. Retorna seis anos depois para resolver seu conflito e assassinar o morador da casa onde vivia sua ex-mulher, no meio da ilha, casa a que teve acesso viajando de barco, acompanhado do narrador-testemunha. A narrativa que inicia pelo meio faz digressões para explicar as circunstâncias, volta ao percurso da viagem e conclui com o desfecho do ocorrido revelado em uma carta escrita de Genebra para o narrador. O conto curto e misterioso aponta para a dupla natureza do homem: o cientista famoso e o marido atormentado e passional que volta, mata e retorna à sua terra.

“O adeus do comandante” é um conto curto, denso e que é narrado como uma conotação qualquer, mas encerra um drama humano milenar: um amor, a traição, a justiça feita com as próprias mãos. O conto estabelece inicialmente o contraponto do contador de casos com a tecnologia da TV que surge nos lugares longínquos do Brasil, onde o transporte é feito por barcos e o comércio por mascate. O corpo do narrador, viajante experiente, cobre a tela da TV para narrar seus casos vistos ou vividos em suas andanças. O caso narrado não tem efeitos especiais, não tem grandes contendas e é dito de modo conciso e mediante imagens fortes e instigantes. Um caixão que entra na embarcação, o nome do barco que reproduz o nome da mulher amada, a retrospectiva do casamento em Nhamundá. Para explicar o caixão vazio que entra no barco, é narrada enigmáticamente a sequência na qual o comandante para em determinado sítio e, sem nada esclarecer, volta com o corpo de um homem, morto há pouco. O impacto e o clima da parada sinistra e estranha do barco remetem para uma sensação desagradável, o que configura o lugar como sinistro e infernal. Os detalhes das sensações serão esclarecidos ao final e o narrador é ao principal testemunha do ato que não se passa visível ao leitor. Apesar de o narrador estar presente na estória como testemunha, ele se reserva quanto a comentários de natureza valorativa. Trata-se de uma narrativa sucinta, sem possibilidades de elucidar detalhes que ficam para além de sua visão, mas com dados que fazem desencadear na mente do leitor o mundo moral, os valores, a dor e os conflitos dos personagens. As cenas são cinematográficas. Há traços líricos e dramáticos na narrativa. Aproxima-se de “A intrusa”, de Borges, pela relação entre irmãos e pelo final trágico. Distancia-se pela solução em que se opta pelo rompimento do laço fraterno, a *philia*, e a sobrevivência do outro, a mulher-mãe. O protagonista mata o amante da mulher, que era seu próprio irmão, para garantir a honorabilidade de seus filhos. Em “A Intrusa” os irmãos se unem e eliminam a mulher, elemento de conflito entre os dois.

“Manaus, Bonbaim, Palo Alto” é um conto que tem humor e brinca com a própria figura do autor e dinamiza as cenas entre três cidades expressas no título. O narrador-personagem é um escritor, no qual está projetada a figura do autor. A frase dita pelo jornalista, que se faz passar por almirante indiano e penetra na intimidade do escritor, abarca a natureza nômade do próprio autor: “Escritores e marinheiros estão quase sempre longe de seu lugar, cada um a seu modo.” (p. 55)

“Encontros na península” propõe uma charada aos leitores de Machado de Assis. O narrador, *alter ego* do escritor, ainda estudante, participa da intriga, envolvendo-se amorosamente com a estrangeira a quem ministra aulas de português brasileiro para habilitá-la a ler Machado de Assis. O intuito é conhecer o personagem machadiano encarnado em seu amante português, Soares, admirador incontestado de Eça de Queirós e difamador de Machado. A descoberta de atitude sádica do Soares dá a pista para o leitor responder à pergunta que a espanhola de Barcelona faz ao seu professor, ao final da narrativa, pergunta que se dirige a nós leitores: “Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado. Mas em qual conto ou romance? Tu sabes, professor?” (p. 110)

As atitudes de Soares nos dão a pista da charada em direção ao personagem Fortunato do conto “A causa secreta”, um sádico que se torna famoso como figuração machadiana. A migração de espaços reais, a cidade de Lisboa, para espaços ficcionais das narrativas de Machado de Assis, confere um caráter lúdico ao conto ao tempo em que faz dele o espaço por excelência, no qual se

dinamiza a própria literatura. Hatoum, leitor de Machado, convida seus leitores a lerem seu predecessor e movimentam o sistema literário, tornando-o mais vivo e dinâmico.

Trata-se de contos curtos e fortes que interagem com o leitor, no sentido de convocá-lo a participar do universo movimentado de seus personagens em suas andanças, atos, sensações e mistérios. O circuito das articulações discursivas, presentes no tecido ficcional, sofre um esgarçamento conceitual porque aquilo que necessariamente poderia ser considerado afeito à vida íntima ou aos meandros da sensibilidade individual, seus fragmentos de memória, é objetivado e transformado emblematicamente pela construção imagética. Desse modo, a cidade ilhada na memória e no tempo estabelece um elo entre narrativa/narrador/autor, trazendo para a superfície da escrita questões locais e existenciais, conflitos e valores. A cidade abandonada, a cidade adquirida e a cidade perdida se entrecruzam em contos notáveis que constroem uma ficção e uma autoficção.

### **Referências Bibliográficas:**

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.